

# 75ª Semana Paulo Setúbal

## 1943 – 2017

**15º Prêmio Literário Paulo Setúbal**  
Contos, Crônicas e Poesias  
(Abrangência nacional)

**16º Concurso Paulo Setúbal**  
Literatura e Artes Visuais  
(Abrangência municipal)



*Paulo Setúbal*

**Paulo Setúbal** 1937-2017

80 ANOS SALVAGUARDANDO A MEMÓRIA DO ESCRITOR TATUIANO

Apoio  
Cultural



**PREFEITURA DE TATUI**  
PELO TRABALHO VENCEREMOS

Secretaria de  
**ESPORTE, CULTURA, TURISMO  
LAZER E JUVENTUDE**

**MUSEU PAULO SETÚBAL**

Suplemento  
Especial

**O Progresso**  
O Jornal da Cidade Ternura

**15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)**

**CATEGORIA CONTO**

*1º Lugar* - Homerval Ribeiro Teixeira  
Conto "O Baile dos Desaparecidos"  
Belém/PA

*2º Lugar* - André Telucazu Kondo  
Conto "Lado B"  
Jundiá/SP

*3º Lugar* - Henriette Effenberger  
Conto "Feijoada Completa"  
Bragança Paulista/SP

*Menção Honrosa* - Gilmar Duarte Rocha  
Conto "Entrelaçado em Azul"  
Brasília/DF

*Menção Honrosa* - Helder Louis Rodrigues  
Conto "O João-Bobo Que Queria Deitar"  
Curitiba/PR

*Menção Honrosa* - José Walter Moreira dos Santos  
Conto "Há Sempre um Rio"  
Vitória de Santo Antão/PE

*Menção Honrosa* - Mauro Antônio Madeira Russo  
Conto "Terror e Suspense"  
Taubaté/SP

*Menção Honrosa* - Samarone Lima de Oliveira  
Conto "Cinzas"  
Olinda/PE

**CATEGORIA CRÔNICA**

*1º Lugar* - Maria das Dores Oliveria  
Crônica "O Sabor da Sopa de Malasartes"  
Ipatinga/MG

*2º Lugar* - Peterson Roberto da Silva  
Crônica "Os Fantasmas"  
São José/SC

*3º Lugar* - Emir Rossoni  
Crônica "Novenas"  
Porto Alegre/RS

*Menção Honrosa* - Airton Souza de Oliveira  
Crônica "Dentro de nós há o amor e a revolução"  
Marabá/PA

*Menção Honrosa* - João Lisboa Cotta  
Crônica "Os Grandes Olhos Verdes"  
Ponte Nova/MG

*Menção Honrosa* - Lygia Roncelde Rodrigues Ferreira  
Crônica "Rita, Ritinha"  
São Paulo/SP

*Menção Honrosa* - Maria Aparecida Sanches  
Coquemala  
Crônica "Da Imprevisibilidade"  
Itararé/SP

*Menção Honrosa* - Samarone Lima de Oliveira  
Crônica "Escrita Automática"  
Olinda/PE

**CATEGORIA POESIA**

*1º Lugar* - Teresa Cristina do Nascimento Bendini  
Poesia "Aos Poucos"  
Tremembé/SP

*2º Lugar* - Ana Luiza de Figueiredo Souza  
Poesia "Timidez"  
Niterói/RJ

*3º Lugar* - Ana Cristina Mendes Gomes  
Poesia "Prelúdio"  
São Pedro da Aldeia/RJ

*Menção Honrosa* - Eduardo Chaves Laurent  
Poesia "Teresas"  
Porto Alegre/RS

*Menção Honrosa* - Márcio Dison da Silva  
Poesia "Ária"  
Trindade/SE

*Menção Honrosa* - Otacilio Cesar Monteiro  
Poesia "Anzóis"  
Limeira/SP

*Menção Honrosa* - Patricia Amaral dos Santos  
Poesia "Senhor Ventania"  
São José do Rio Preto/SP

*Menção Honrosa* - Guilherme Henrique Sanches  
Fischer  
Poesia "Quero ver Quem Digere a Poesia"  
Maringá/PR

**16º CONCURSO PAULO SETÚBAL  
LITERATURA E ARTES VISUAIS  
(Abrangência municipal)**

**ARTES VISUAIS**

*1º Lugar* - Julie Soares da Silva  
4º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF Profª "Teresinha Vieira de Camargo Barros"  
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:  
Angélica Prestes Ferreira Camargo

*2º Lugar* - Nicolas Henrique Yamasaki Furquim  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF Profª "Maria Eli da Silva Camargo"  
Professor(a): Ione Takenouchi Bieco

*3º Lugar* - Ray Mendes Sousa  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF Profª "Maria Eli da Silva Camargo"  
Professor(a): Ione Takenouchi Bieco

*Menção Honrosa* - Antônio Gustavo Vieira  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Escola do Tanquinho"  
Professor(a): Adriana Marques

*Menção Honrosa* - Brenda Cristina  
dos Santos Petarnella  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "João Florêncio"  
Professor(a): Erica Fogaça

*Menção Honrosa* - Bruno Miguel da Silva  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Prof José Tomás Borges"  
Professor(a): Alessandra Carlos Gonçalves

*Menção Honrosa* - Caio Gabriel Machado  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Profª Eunice Pereira de Camargo"  
Professor(a): Rosemeire de Oliveira Moraes

*Menção Honrosa* - Letícia Ribeiro Rodrigues  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Escola do Tanquinho"  
Professor(a): Adriana Marques

*Menção Honrosa* - Luiz Davi Oliveira Rocha  
4º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "João Florêncio"  
Professor(a): Erica Fogaça

*Menção Honrosa* - Luiz Henrique Porfírio  
de Moraes  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Prof Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"  
Professor(a): Elaine Cristina Coelho Rodrigues

*Menção Honrosa* - Raquel Alexandre Messias  
5º ano - Ensino Fundamental I  
EMEF "Profª Sarah de Campos Vieira dos Santos"  
Professor(a): Ana Cláudia Cândido Silveira

**LITERATURA - ENSINO FUNDAMENTAL II**

*1º Lugar* - Livia Fernandes Silveira  
8º ano - Ensino Fundamental II  
NEBAM - Núcleo de Educação Básica Municipal  
"Ayrton Senna da Silva"  
Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane  
Villanueva Rodrigues

*2º Lugar* - Júlia Ribeiro Fagundes  
8º ano - Ensino Fundamental II  
Colégio Mack de Tatuí  
Professor(a): Roseli Verzinhasse Prata

*3º Lugar* - Vitória de Jesus Nunes Coelho  
8º ano - Ensino Fundamental II  
EE "Profª Altina Maynardes Araújo"  
Professor(a): Luiz Augusto Alves Barbosa

*Menção Honrosa* - Agatha de Paula Matos  
7º ano - Ensino Fundamental II  
EE "Profª Altina Maynardes Araújo"  
Professor(a): Luiz Augusto Alves Barbosa

*Menção Honrosa* - Maria Luiza Comelli de Souza  
8º ano - Ensino Fundamental II  
Colégio Mack de Tatuí  
Professor(a): Roseli Verzinhasse Prata

**LITERATURA - ENSINO MÉDIO**

*1º Lugar* - Ana Laura Giancesella  
2º ano - Ensino Médio  
Colégio Mack de Tatuí  
Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Maísa  
Oliveira Santos

*2º Lugar* - Larissa de Paula Sperandio  
1º ano - Ensino Médio  
EE "Chico Pereira"  
Professor(a): Bruna dos Santos Bueno

*3º Lugar* - Rebeka Devai Gau  
1º ano - Ensino Médio  
ETEC "Sales Gomes"  
Professor(a): Fernando de Jesus da Costa

*Menção Honrosa* - Gabrielle Antulini Araújo  
3º ano - Ensino Médio  
ETEC "Sales Gomes"  
Professor(a): Fernando de Jesus da Costa

**expediente**

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude  
**CASSIANO SINISGALLI**

Secretária de Educação  
**MARISA APARECIDA MENDES FIUSA KODAIRA**

Diretor Executivo do Departamento de Cultura  
**ROGÉRIO VIANNA**

Comissão do Concurso  
**EDSON APARECIDO PINTO**

**FERNANDA MARIA XAVIER CARVALHO**  
**LUIZ ANTÔNIO FERNANDES GUEDES**  
**MARIA AUGUSTA DE ABREU RAGGIO BARBARÁ**  
**RAFAEL HALCSIK COUTINHO**  
**ROGÉRIO DONISETE LEITE DE ALMEIDA**  
**ROGÉRIO APARECIDO MIRANDA**

Equipe do Museu "Paulo Setúbal"  
**EMILENE VIEIRA FIUZA DE OLIVEIRA**  
**LEILA MARIA LEITE MIRANDA**  
**PEDRO HEILBORN DE OLIVEIRA**

**REGIANE DOMINGUES FRANCISCO**  
**ROSE MARY RAYMUNDO FALCHI**  
**TIYOKO TACKENCHI**

Comissão julgadora do 15º Prêmio Literário Paulo Setúbal  
Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)

**JOSÉ RUBENS INCAO**  
**MARIA VIRGILIA FROTA GUARIGLIA**  
**MYRNA ELY ATALLA SENISE DA SILVA**

Comissão julgadora do 16º Concurso Paulo Setúbal  
Artes visuais (abrangência municipal)

**CARMELINA MONTEIRO**  
**JAIME PINHEIRO**  
**MINGO JACOB**

Literatura (abrangência municipal)  
**ARY ROBERTO**  
**CIMIRA CAMERÓN**  
**IVAN CAMARGO**

# editorial

**Paulo Setúbal**  
**1937-2017**

## 80 ANOS SALVAGUARDANDO A MÊMÓRIA DO ESCRITOR TATUIANO

“Maio de 1937 – Aula de português no então ginásio estadual de Tatuí. O professor e poeta José Lannes faz um comentário sobre a recente morte de Paulo Setúbal e pede um minuto de silêncio. Todos emudecem, comovidos. E, na cabeça do jovem Nilzo Vanni, passa-se uma ideia temerária: reunir em um Museu todos os pertences do poeta desaparecido” – “Memórias de Tatuí e do Lar São Vicente de Paulo” de D. José Melhado Campos

O ato de Nilzo Vanni, permite, hoje, que salvaguardemos a memória de Paulo Setúbal. Tantos foram os tatuianos que se encheram de felicidade ao saber que o “Caboclo bem rude” estava ocupando a cadeira da Academia Brasileira de Letras.

No livro “Confidências de Suzana”, escrito pela prefeita e professora Chiquinha Rodrigues, ela lembra a memória do escritor por meio de seu pai, Aduino Pereira, que, “de uma feita, o ouviu ler, em seu quarto, o discurso de Paulo Setúbal quando ingressou na Academia”. O professor, após grande silêncio, deixa que lágrimas e lágrimas lhe corressem.

Descreve Chiquinha que, por vezes, seu pai mandou suspender a leitura para estudar o sentido de uma expressão, perscrutando até onde teria chegado o pensamento de Paulo, ao empregar determinada palavra, acompanhando frase por frase, o discurso inteiro. Aduino Pereira, com esforço, levantou-se da cama e escreveu uma carta a Paulo.

“Poucas palavras havia naquela carta. Uma singela homenagem e a certeza de que lera o discurso. Achara justa a vitória. Dias depois, uma carta resposta veio. As palavras, foram as grandes palavras, aquelas que, representando um passado, constituem, por todos os motivos, um grande presente.”

“Obrigado, mestre.”

“Foi o coração na saudade que me veio bater às portas d’alma, hoje como há vinte ou trinta anos atrás.”

Chiquinha ainda se delonga: “A Paulo, todo o Brasil se curva reverente. Ao seu mestre, Paulo, o grande Paulo Setúbal prestou comovida homenagem”

E conclui: “É pouco? Não. É o suficiente para o professor de que o aluno é o desdobraimento, o efeito, a resultante. O mestre contribui para que algo de nobre, de justo, de elevado seja oferecido à criança, esboço do homem, rascunho de uma trajetória, ensaio de um ser em formação.”

E por esse e outros grandes momentos que permitem Paulo Setúbal ser o patrono do Museu Histórico, da Praça do Barão e de um concurso de abrangência nacional e outro municipal é que nos reverenciamos ao poeta, ao historiador, a Setúbal, Paulo Setúbal, que há 80 anos deixa seu “Eu confesso” para a eternidade.

É com grande satisfação que, seguindo o exemplo de Nilzo Vanni, a equipe gestora da Cultura da Cidade Ternura vem, nesses 80 anos, cumprindo o objetivo de, por meio da Semana Paulo Setúbal (1943-2017) e do Concurso Paulo Setúbal, salvaguardar a memória, resgatando e valorizando a obra do escritor tatuiano e sua importância na literatura brasileira; difundindo a obra de Paulo Setúbal entre os alunos do ensino fundamental e ensino médio das redes de ensino municipal e estadual, pública e privada da cidade de Tatuí.

Em 2017, recebemos a inscrição de 28 unidades de ensino; estimulando entre os jovens o gosto pela leitura e pela pesquisa; proporcionando a interdisciplinaridade por meio da literatura e arte. E tudo isso com o apoio da família Setúbal, que incentiva e fomenta o Con-

curso Literário Paulo Setúbal.

Em 2017, o concurso de abrangência nacional recebeu 223 inscritos, de 77 cidades brasileiras de 14 Estados e do Distrito Federal: São Paulo, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, Sergipe, Pará, Paraná, Pernambuco.

Tradição na cultura municipal, o Concurso Literário, de abrangência municipal, permite revelar novos e grandes talentos para o cenário nacional. Sem dúvida alguma, as obras de Paulo Setúbal constituem-se em um aprendizado incomparável para desenvolver a habilidade da leitura. Por meio de suas obras, o leitor pode, aos poucos, ir desvendando as teias da história do Brasil e também da vida do autor.

Não podemos ler as obras de Paulo Setúbal apenas por ser um romancista e historiador, mas por desvendar e traduzir como poucos a história de nossa pátria-mãe, além de perceber a afetividade do autor pela nossa Cidade Ternura, tão bem escrita em sua primeira obra, “Alma Cabocla”

É de suma importância aguçar o interesse do estudante, educador e pesquisador para as obras de Paulo Setúbal. Por esse motivo, trazer, na Semana Paulo Setúbal, um pouco da vida e da obra de Setúbal facilita o contato com o escritor tatuiano. O que desejamos é, que ao ser instigado, o leitor tenha um contato mais plausível com as obras do imortal filho tatuiano, que, em 4 de maio de 1937, deixa órfã a literatura brasileira.

E que sigamos o exemplo de nosso tatuiano Nilzo Vanni, permitindo respeitar e valorizar a memória de Paulo Setúbal

Comissão Organizadora da 75ª Semana Paulo Setúbal

15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

1º Lugar - Homerval Ribeiro Teixeira  
Belém/PA

CATEGORIA CONTO

O BAILE DOS DESAPARECIDOS

O vento forte vindo do leste do vale açoitara a aldeia na noite passada, e atravessou a manhã só amainando no início da tarde. O cuinchar misturado ao gorgolejo do abate atravessava as grossas paredes de pedra e cal da centenária mansão. Acordes da sinfonia doméstica dos preparativos à recepção que iria ocorrer no velho solar, situado no sopé da montanha da pequena aldeia no Vale das Sombras. O nome fora dado pelos moradores que perderam seus parentes, ali desaparecidos nos tempos das malignidades do vale.

Uma sensação de déjà-vu pairava na aldeia, local misterioso e cheio de sofrimentos e com um pressentimento de que algo ruim estava sempre por acontecer: uma ameaça iminente. Entre os aldeões se comentava que de noite os sumidos vagavam na aldeia e quem penetrou no vale das sombras jamais atingiu o outro lado. Um ser vivo poderia tentar, embora ninguém ousasse. Desde então, os sumiços ecoavam num total silêncio tensivo, mudez medrosa de desastrosas consequências. Os habitantes nada viam, falavam e escutavam sobre tais ocorrências, deixando a vida persistir numa aparente rotina. Entretanto, havia alguém que agasalhava a origem e a responsabilidade pela desgraça no vale: Adolf, o excêntrico taxidermista ermitão, residente na sombria morada encravada no rochedo escarpado do vale.

Mas quem era o eremita? Aprendera a empalhar animais na infância, com seu pai, Schauser, que desapareceu misteriosamente no vale. O velho parecia um gorila e ali chegou da Alemanha fugindo da remilitarização nazista da Renânia, por volta de 1936, como um salmão na reprodução. Na minguada bagagem raras mudas de roupa, um menino magricelo e esquisito, um volume envelhecido de A Divina Comédia e um cravo que vendido lhe permitiu adquirir a morada encravada no rochedo,

onde criou o filho ensinando truques e artimanhas que o tornaram expert na arte de empalhar na região. Aos 68 anos de idade estava conservado. Apresentava estatura elevada, braquicéfalo, orelhas finas e compridas. Nariz alongado e fronte pequena, olhos ligeiramente estrábicos embora brilhantes e profundos, encravados em olheiras escurecidas. A boca talhada em rasgo reto, lábios finos como cortinas das gengivas quase desdentadas. Visto de frente nada extraordinário, a não ser o brilho cruel nos olhos inquietos. No perfil a expressão era assustadora. As mãos e os pés tinham desenvolvimento desproporcional. Dedos enodados pela profissão e unhas cortadas rente. Braços alongados, tórax ligeiramente curvo para frente. Esse era o biótipo de Adolf. Introspectivo, homem de poucas palavras, forte imaginação e de muitas leituras. Cresceu lendo Dante Alighieri, e, embora surdo de um ouvido, fruto de uma caçada com seu genitor, bem ouvia os bafejos maléficos dos espíritos dantescos, embora se julgasse agnóstico e declarasse ser incognoscível tudo o que se encontra para além da experiência sensível. Um ardiloso sujeito. Na aldeia comentavam que quando faltava material para sua arte, ele espalhava porções de comida envenenada pelo campo do vale durante a noite e na alvorada recolhia a fauna inerte. Verdade ou mentira, para ele era mera alevisia dos aldeões, até porque sua arte já havia produzido trabalhos taxidérmicos que estavam expostos em diversos museus, além do que fora agora contratado para ornamentar a recepção no solar do vale.

Tratava-se de um baile que iria acontecer na centenária residência que esteve fechada por mais de cinco anos, desde que seu dono, um falido agente funerário, viúvo assemelhado a um corvo, sumiu misteriosamente no vale numa

caçada às perdizes. Depois do desaparecimento, um corretor anunciou a venda, mas logo engrossou o rol dos desaparecidos e a mansão continuou desocupada. Adolf fora convidado para fazer a decoração e desconhecia a origem do seu contrato. Cismado, aceitaria o convite anônimo como um desafio, e tinha um objetivo: queria descobrir mais sobre os segredos do solar. Durante anos alimentava a ideia de que a perenal mansão tinha seus próprios ruídos e suas preferências, não tolerava habitantes e cria que Satanás tem o poder que lhe damos. Despautério? Talvez. Mesmo assim, realizaria a decoração sem complacência, uma vez que o contrato exigia a elaboração em taxidermia. Animais de diversos tipos deveriam ornamentar desde a entrada até o grande salão onde ocorreria o baile.

O movimento na aldeia se estendera até o soar das badaladas na matriz no meio da noite, que ecoavam pelo vale ensopado da gélida bruma. A ameaça de temporal na noite era iminente e a longa usina à diesel já fora desligada permitindo o realce das nuvens esgarçadas sobre a montanha. A aldeia era iluminada apenas pelos clarões dos raios acompanhados da ventaneira misturada aos estampidos dos trovões, provocando arrepios até nos raros aldeões ensopados de vodca, ajuntados na única taberna aberta, a contemplar a dança frenética dos raios na chuvarada. Na madrugada o vento se agigantou embrenhando-se pela aldeia adentro, num sopro, tal flauta doce em aterrorizante ária funesta, propícia ao bailado das sombras.

A alvorada irrompeu fria e nublada no vale, ditando um clima de preguiça aos preparativos. A chuva passara e os poucos serviços tentavam se esforçar na execução das tarefas por toda a manhã. Na cozinha o cheiro do unto queimando começava a impregnar o

ar, atravessava as grossas paredes do solar a despertar a apetência. As apetitosas iguarias saídas do forno eram arrumadas numa imensa mesa e eram vislumbrados de longe por olhos felinos de gatunos esfaimados.

Durante o dia todo o taxidermista Adolf dedicou-se à lenta e árdua tarefa de decorar o solar, mas com deleite distribuía emplumados e quadrúpedes, compondo uma alegoria de assustar. Arremates e correções tomavam tempo, embora executados ao capricho pelas mãos do artista. E o que é a vida sem caprichos? No crepúsculo os trabalhos se encerraram com tudo arrumado para o baile.

E os raios da noite se derramavam sobre a aldeia; não se via nenhum aldeão nas ruas. Aqueles que ousavam mostrar-se às janelas recolhiam-se às pressas. Medo? Quem saberia responder? Se houvesse ao menos alguém a quem perguntar.

Às oito da noite, na mansão iluminada a luz de velas, os acordes do Réquiem de Mozart anunciavam a abertura do baile e a chegada dos convidados, todos com os rostos adornados por máscaras, cada uma representando uma espécie animal. O mocho de monóculo, o rato encrespado, o pardal de trunfa, a graúna cega, o cachorro vampiro entre outros. Um a um em suas características grotescas percorriam o trajeto sombrio. Alçado no centro do salão de recepção, um corvo gigante de asas abertas, balançava ao capricho do vento, numa alegoria ao voo da morte sobre a aldeia. Na parede, um brasão encimado, coberto de poeira, acompanhado de um par de esgrimas prateadas, sobreposto a uma almofada com passamanes de veludo roxo, quicá fruto dos tempos de valentia. Embaixo, no canto ao lado do portal, uma armadura enferrujada teimava em guarnecer um velho gramofone rendado de teias de aranha. E mais nenhum móvel

a vista podia alcançar. No teto, um imenso candelabro de velas encardidas refletia nos vitrais do grande salão uma trêmula iluminação mórbida.

À sorrelfa num canto escuro Adolf, que não fora convidado, espionava em busca de um instante revelador, embora não conseguisse identificar sequer um mascarado, tal a semelhança de seus movimentos, como um desfile militar. Quem eram eles e de onde vieram? Questionava-se. Quem os convidara? E por que ele não fora convidado? Se ao menos garçons houvesse indagaria. Seus olhos cismados varreram o ambiente em penumbra e logo decidiu circular entre os seletos convidados; buscaria respostas. De máscara, misturou-se entre os camuflados. Rodou, insistiu, até que atingiu a escadaria de onde vislumbrou no topo dos degraus a figura de um homem grande. Vestido num smoking negro, mascarado de corvo, regia com as imensas garras uma invisível orquestra. Adolf hesitou por um momento e prosseguiu. Pisava o quarto degrau e surpreendeu-se ao perceber no retábulo dantesco o rosto de Beatriz, num quadro a óleo, a rir do empalhador, embora relutasse em confessar algo. Nos acordes da rapsódia, um arripio lacerou as vértebras de Adolf. Hirto, assistia a cena surrealista. Um déjà-vu? Talvez. Atraído, subiu. Mais se aproximava do quadro, mais intrigado ficava, precisava compreender o segredo de Beatriz. Subiu e no último degrau percebeu um balbúcio. Achevou-se: - Vire-se! - Hesitou, mas obedeceu. Contemplou o baile, apurou a visão e descobriu na fauna animista silhuetas conhecidas. Distinguiu um a um dos desaparecidos; seu pai, todos. Um desfile macabro, guache do autor. Suas criaturas numa só oblação. Na tela o rosto de Beatriz contemplava Adolf; um pastiche de si mesmo.

**15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL**  
**CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS**  
 (Abrangência nacional)

**CATEGORIA CONTO**

2º lugar - André Telucazu Kondo  
 Jundiá (SP)

**LADO B**

Algumas músicas tocam, flashbacks, em cantos esquecidos da memória afetiva, que se lembra das coisas não como elas realmente foram, mas como o coração as catalogou, em uma lista de hits e beats. Eu não sei se esta é uma lembrança real ou apenas uma faixa da minha imaginação. Sei que nesta tarde me lembrei de um dia em que eu percorria as ruas de Tóquio, apenas caminhando, sem destino. Estava tão perdido naquele dia, que nunca mais seria capaz de percorrer os mesmos caminhos, para averiguar se realmente aqueles lugares ainda existem ou se sequer existiram.

Enfim, naquele dia, entrei em um velho estabelecimento de discos usados. Uma pequena loja espremida entre duas gigantes do setor de eletrônicos, com seus letreiros luminosos explodindo anúncios de telas gigantes e aparelhos de última geração. Em meio a um turbilhão de modernidade, uma arcaica ilha de sons do passado. E lá estava eu, fuçando os discos. Muitos álbuns eu reconheci pelos rostos dos intérpretes, sucessos em meu próprio país, do outro lado do mundo.

A memória, às vezes, apresenta alguns chiados e riscos. Sei que, à época, eu não tinha um toca-discos – ou vitrola, como queiram. Até hoje não tenho. Nunca mais tive, depois que minha mãe jogou fora o aparelho de casa. Então, porque eu estava ali, buscando vinis que nunca poderiam ser tocados? Talvez eu tenha me lembrado das tardes em que meu pai colocava, cuidadosamente, os seus discos pra tocar, e eu me sentava ao seu lado, ouvindo músicas que ainda não entendia, mas que me faziam feliz. E naquela casa de cidadezinha de interior em que nada acontece, meu pai fazia tardes acontecerem. As músicas favoritas do meu pai se tornaram as minhas também. Creio que essa herança afetiva tenha me levado a entrar naquela loja empoeirada. O único funcionário (ou

seria ele o dono?), apesar da idade de LP, ainda tinha fôlego de CD para gritar “Irashaimasse”, seja bem-vindo. Bem-vindo, onde? Ah! Bem-vindo ao passado.

Encontrei velhos conhecidos de vinil. E confesso, muitos deles conseguiram ultrapassar os limites do som, quebrando a barreira da saudade. Sobretudo, um disco de Cat Stevens, que sequer ousei tocar, devolvendo-o rapidamente ao silêncio dos demais milhares de discos arquivados. Não queria incomodar o Sr. Stevens naquele ponto da minha vida. Lembrou-me muito bem de quando o meu pai saiu de casa... Estava tocando Father and son, ele tocou o meu rosto em carícia, e passou pela porta, e nunca mais voltou. Havia sido ele quem havia deitado aquele disco na vitrola antes de partir. Ele amava os seus discos, mas não levou nenhum deles... Não levou ninguém. Então, desde aquele dia, o velho Stevens se tornou como um pai para mim. Havia restado apenas a música, substituindo o cheiro do meu pai, as mãos, a voz (de cuja melodia, já me esqueci). A presença na ausência. Foi há tanto tempo, eu tinha apenas sete anos quando ele foi ao Japão, com a promessa de que um dia voltaria com muito dinheiro pra nossa família. Mas ele não voltou. Meu pai avisou que nunca mais voltaria, em uma carta. E minha mãe nunca o perdoou por isso. Rasgou a missiva e quebrou, um a um, cada vinil da amada coleção do meu pai. Desde então, eu nunca mais havia escutado um disco.

Aos vinte e sete anos, confesso que fui ao Japão com uma pontinha de esperança. Mas, em um país de milhões de habitantes, como eu poderia encontrar o meu pai? E se eu o encontrasse, como poderia reconhecê-lo? Minha mãe havia jogado todas as fotos dele, rasgado o seu rosto como quem arranca da vida a máscara do abandono. Não, eu não saberia quem ele era. É

estranho, sempre havia acreditado que nunca me esqueceria do rosto do meu pai. Nunca. Mas o tempo foi acabando com a minha convicção. Um dia, acordei e ele não estava mais lá. Definitivamente, havia restado apenas a música. E sempre que eu queria sentir a presença dele, tocava as suas canções favoritas, em CD, depois em MP3, online, e mesmo sem o antigo toque do vinil, tudo soava como antigamente. A música tocava, meu pai me tocava.

Minha mãe ficou triste quando soube que eu iria trabalhar no Japão. Ela disse que tinha medo que eu me reaproximasse de meu pai. Como se isso fosse possível... ou necessário. A música nunca o tinha afastado de mim. De qualquer forma, eu estava me dando muito bem na terra dele. Consegui um emprego em uma fábrica, com muitas horas extras. Ganhava bem. Trabalhava das seis da manhã até dez da noite. Tinha apenas uma folga por semana. Mas isso era ótimo. Eu gostava do trabalho. Gostava de repetir, mecanicamente como o braço automático de uma vitrola, os mesmos gestos, seguindo as mesmas linhas, faixa a faixa, dia após dia.

Enquanto meu corpo trabalhava como um autômato, minha mente vagava livremente. Uma hora estava na praia. Outra em um sítio com pés de amora. Mas não era apenas os lugares que mudavam. O tempo também. Voltava a ser criança. Reencontrava pessoas que haviam desaparecido... E a música tocava. Mas nas horas de folga, eu me perdia. Não sabia como agir, para onde ir.

Por isso, não sei como fui parar naquela loja de discos em algum lugar de Tóquio, essa cidade tão grande que parece não caber no peito do mundo. Quando olho para as luzes acesas dos pequenos apartamentos solitários, os restaurantes minúsculos com longos balcões, onde homens comem o prato frio da solidão, eu, ainda assim, sem-

pre encontro a companhia de algum sentimento. Mesmo nos rostos das pessoas enfileiradas nas plataformas de trem, vivendo um dia após o outro, repetindo destinos, como se estivessem percorrendo os mesmos sulcos de uma velha canção. Triste ou não, eu sempre ouço algum coração batendo. Mesmo um coração arranhado, como o meu. Ainda há música no mundo.

Passei a tarde inteira naquela loja de lembranças musicais. Primeiro, toquei cada música preferida do meu pai, menos uma, a de sua partida. Porque aquela não era uma tarde de despedidas, mas de reencontros. Toquei a minha infância. E as sonoras lembranças do meu pai esticaram seus longos dedos e tocaram o meu rosto em carinho. Depois, repassei o resto do repertório de minha vida. O velho e bom homem atrás do balcão acompanhava a minha trajetória. Escolhi as músicas que tocavam quando eu fui a primeira vez em uma festa, a primeira vez que dormi fora de casa, a primeira vez em que fiz amor, a primeira vez que viajei sozinho, que me vi adulto. Eu pegava um vinil nas caixas organizadas, em ordem cronológica, caminhava até o homem e ele, com o cuidado de quem coloca um filho para dormir, botava o disco para girar. A agulha chiava coisas que só quem ouve o passado consegue entender. E a música fluía, como uma canção de ninar, uma balada de primeiro beijo, uma música de alento e consolo.

Ao final daquele dia, agradei ao bom homem, em japonês. E ele respondeu algo baixinho, tão baixinho que até parecia soar como palavras em português. E até hoje não sei se tudo isso foi real ou apenas algo que tocou em minha imaginação. Dirigi-me à saída e, ao cruzar pela porta, ainda escutei a música do último disco que o homem acabava de deitar na vitrola, enquanto eu ia embora, para nunca mais voltar: Father and son...

15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

## CATEGORIA CONTO

3º lugar - Henriette Effenberger  
Bragança Paulista (SP)

### FEJOADA COMPLETA

Meados da década de 1960. Domingo à tarde. Circo mambembe instalado no campinho de futebol da meninada. Dois palhaços sobre pernas de pau tentam chamar a atenção dos moradores do bairro pobre e operário.

Oferecem descontos ou trocam ingressos por um bom prato de macarronada com frango, degustando vorazmente ali mesmo no degrau da porta de entrada da melhor casa do bairro, enquanto as ripas que sustentavam os homens vários palmos acima do chão descansam encostadas na parede.

A fome era tanta que nem se deram ao trabalho de tirar a maquiagem, assim o molho do macarrão respingava sobre o enorme contorno da boca pintado de branco.

O alto-falante do circo roda sem parar a mesma canção: Credi a me, ripenserai, alle chose che io dato a te... anunciando a presença do jovem cantor italianíssimo para logo mais.

Nos intervalos da música, um locutor anuncia o horário das sessões e o grande concurso de “A boneca mais bonita da cidade”, cujo prêmio seria uma caixa com guloseimas acompanhado por uma garrafa de guaraná caçulinha.

Corri para casa e fui atrás de minha Gracy, a boneca nova que Papai Noel me trouxera no último Natal e tristemente constatei que o vestido dela estava sujo, os cabelos de lã embaraçados, com a fita que os prendia também amarfanhada.

Entristecida, contei para minha tia Sila sobre o concurso e lamentei pela Gracy, a qual, apesar de linda, não teria qualquer chance.

Foi então que um mundo de esperanças se abriu: minha tia retirou do baú de retalhos um lindo tecido de laise azul para combinar direitinho com os olhos da minha boneca, e, ao mesmo tempo em que me orientava como limpar o rostinho e as perninhas da Gracy com um chumaço de algodão embebido em álcool, magicamente foi transformando aquele retalho em um lindo vestido longo que fez da boneca

uma princesa. Completou com um belo laçarote de fita que ornou os cabelos de lã e ainda encontrou uma pequena falha capilar, fruto de minhas desastradas tentativas de desembaraçá-los.

Uma fila de crianças quase dobrava o quarteirão quando cheguei perto do circo. Entre elas as menos pobres já ostentavam o ingresso nas mãos. A maioria, porém, estava por ali tentando entrar ao primeiro descuido do porteiro ou procurando uma brecha entre a lona e a arquibancada.

Eu estava entre as felizardas. Segurava firme o ingresso com uma mão e no outro braço ostentava a boneca radiante no vestido azul rendado. Outras meninas também seguravam suas bonecas: bebês de polietileno, alguns de pano ou papelão. Havia bonecas que se pareciam com a Emília, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, mal-acabadas, feitas por mãos desajeitadas e recheadas de capim seco.

Pensei:- aquelas bonecas não seriam páreo para minha Gracy, praticamente a única boneca de borracha, com olhos que abriam e fechavam, e agora com aquele vestido lindo de laise e renda azuis.

Eu me senti ainda mais confiante: já me via abrindo o saquinho de guloseimas oferecido, onde certamente haveria dadinhos de amendoim, marias-moles, cocadas e queijadinhas, além de balas, é claro! Também imaginei meu avô furando com um prego a tampinha da garrafa de guaraná para que eu tomasse o refrigerante pelo buraquinho.

Finalmente, às três em ponto, começou a sessão. A bandinha entrou no picadeiro acompanhada dos palhaços em pernas de pau, dos malabaristas que jogavam para o ar as bolinhas de tênis encardidas, da adestradora com dois poodle ostentando chapeuzinhos vermelhos... Até que, com a voz empostada, o apresentador gritou:

- Respeitável público – Boa tarde!

E a menina respondeu: - Boa tarde!!! – gritando mais alto ainda.

Após a apresentação dos números circenses, antes do cantor que era a grande atração da tarde, as meninas com suas bonecas foram chamadas para o concurso.

Desci orgulhosa a arquibancada de tábuas soltas que rangiam e quase despencavam ao se pisar nelas e me juntei às outras meninas no centro do picadeiro. A comissão julgadora seria a própria plateia, que escolheria por aplausos a boneca mais bonita.

Éramos poucas, umas sete ou oito, talvez dez. Olhei para o lado e quase não acreditei no que vi: uma menina desconhecida no bairro também estava competindo. E segurava pelas mãos uma boneca Amiguinha, que em pé, tinha quase o mesmo tamanho de sua dona.

Na salva de palmas, minha Gracy com seu vestido de laise e renda ficou em segundo lugar. A boneca Amiguinha, dentro de uma roupinha cor-de-rosa desbotada, daquela menina que ninguém sabia quem era, ganhou disparado!

Logo em seguida o cantor que não aparentava ter mais de quinze anos entrou no picadeiro e com sua voz potente entoou: Credi a me, ripenserai/ alle cose che io ho dato a te./la fidúcia che ormai/ ho perduto assieme a te./Credi a me, ricorderai./e nei sogni che farai/forse mi ritroverai/come allora accanto a te./Credi a me, ripenserai/alle cose che io ho dato a te./la fidúcia che ormai/(ho perduto) assieme e a te./Credi a me, ricorderai./e nei sogni che farai/forse mi ritroverai/come allora accanto a te.

No dia seguinte, como se estivesse zombando de mim, vi dentro da perua Rural Willys a mesma boneca Amiguinha de vestido desbotado cor-de-rosa sentada sobre as tralhas do circo que se preparava para deixar a cidade.

Passaram-se décadas e com a morte do cantor italianíssimo me vem à memória o que talvez tenha sido a primeira das inúmeras vezes em que percebi ludibriada. E essa lembrança ainda dói, muito mais até do que a morte do cantor.

15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

## CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Maria das Dores Oliveria  
Ipatinga (MG)

### O SABOR DA SOPA DE MALASARTES

Presumo que terminarei de escrever a minha crônica semanal, antes das vinte e uma horas. Está prontinha em minha cabeça. Descrevo as paisagens pitorescas que a cidade oferece aos românticos, no dia dos namorados, tenho apenas que digitar e enviar para o jornal online. Depois, quero desfrutar o ócio. Assistir ao jogo na televisão ou ver alguns filmes. Em uma noite fria, nada mais aprazível que um sofá aconchegante e uma xícara de leite quente com chocolate, acompanhado de rosquinhas de nata.

Abro o Word e começo a escrever, quando tocam a campainha uma, duas, três vezes, em intervalos mínimos. Não podem esperar. Pensam que vivo com a mão na maçaneta, disponível para abrir a porta? Reconheço a voz do vizinho, que grita meu nome. Minha gata Girassol acorda de seu sono profundo, no cesto sobre a mesa. Mesmo não gostando de visitas, ela corre para fora, em vez de se esconder. Deve ser movida pela curiosidade, não pelo medo.

- Boa noite, jovem! Sua internet está funcionando? A minha está lenta, não abre nada. Deixe-me só olhar o site da prefeitura? Quero ver o edital do concurso de estágio, é rápido – o vizinho entra sem cerimônia e se dirige ao computador.

Pressinto incômodo. Mas ouvi dizer que a internet dele foi cancelada, por atraso no pagamento. Está se formando, não custa ajudá-lo. “Quem não vive para servir, não serve para viver”. Cresci ouvindo isso.

Ele acessa o site, clica em vários links e não encontra o edital. Para agilizar o processo, verifico o menu no topo da página. “Concursos Públicos” na cara e o sujeito não vê! Lê o edital calmamente:

- É rapidinho... Área de saúde... Médicos, enfermeiros... Farmácia, cadê? Aqui, achei!

Sento-me na poltrona e aguardo. Tento memorizar a crônica interrompida. O intruso lê em voz alta. Não compreende alguns parágrafos. Esclareço os termos. Envolve-me mais do que gostaria. Aproveito o tempo desperdiçado e vou lavar louça. Ele me chama. Quase quebro um copo.

- Tem como imprimir? Preciso fazer a inscrição agora. O prazo termina depois de amanhã.

Começa a preencher o formulário. Não sabe o número do CPF e vai à casa buscar o documento. Fico com a garganta embargada. Se soubesse dizer “não”, explicitaria que está me atrapalhando, que preciso terminar o meu trabalho. Mas o coitado está batilhando. Se não conseguir o emprego, vou-me sentir culpada. Adianto a crônica, anotando no verso de um folheto publicitário. Ele volta e prossegue nos dados. “Naturalidade é o quê?” E a crônica se esvaindo... Envia o formulário. Pronto. “Inscrição realizada com sucesso!” É só imprimir o boleto e pagar. Pede papel A4. A impressora trava. É um dispositivo voluntarioso a tal impressora. Só funciona com o dono. O papel um pouco amassado ou mal colocado emperra. Tem vida útil curta e o cartucho de tinta caro. Consigo imprimir, entretanto, o boleto

gera duas folhas. Diminuo o tamanho das fontes. Outra folha e agora dá! O folgado insinua que ficou claro, que preciso recarregar o cartucho, mas consegue ler. Engulo mais essa, enfim, o inconveniente acabou e vai se escafeder.

- Vou ver meus e-mails, é rapidinho. Nossa, tenho 267 mensagens não lidas!

Será que ele vai abrir todas? Não consigo protestar, com a boca cheia de raiva e indignação. Imagino um conto de terror: Folhas brancas, ejetadas velozmente de uma impressora com tinta vermelha, enquanto um homem lívido agoniza, com uma faca cravada no peito.

Alerta que meu computador está muito lento:

- Deve ser vírus. Mas até que é bonzinho. Dá para o gasto. O meu notebook tem HD de 1 terabyte, é uma Ferrari! Só o piloto é devagar. Não gosto muito de informática. Olha, uma amiga me enviou mensagem. A drogaria está admitindo farmacêuticos. Preciso mandar meu currículo.

Pede um modelo de currículo. Vasculho minhas pastas. Encontro o documento e, ele digita, catando as teclas vagarosamente. Para não atrasar mais, corrijo a formatação execrável e imprimo as laudas. Lá se vão papel e cartucho! O vizinho agradece e elogia o meu desempenho no computador: “Não conheço ninguém mais competente!” Que alívio, agora ele zarpa! Pede o grampeador emprestado, não pode entregar as quatro folhas soltas. Tem que caprichar, precisa conquistar a vaga. Dentro de um envelope ficaria mais apresentável. Perco o meu último envelope pardo, tamanho escritório.

- A vizinha tem um escritório em casa, gente organizada é outra coisa! – o descarado ainda é sarcástico. – Vou dar uma entradinha no facebook.

Da crônica que pretendia escrever, nem sombra. Um enredo sanguinolento ocupa minhas ideias. Mãos coléricas fariam estrago naquele peçoço!

Ele se diverte com os vídeos de humor em sua timeline. Inesperadamente, se apressa:

- Poxa, são nove horas! Vou embora, o jogo já começou. Amiga, valeu, fique com Deus!

Fico com o embrulho queimando o estômago também. Somente agora, me dou conta que Pedro Malasartes apareceu em minha casa e fez a sua sopa de pedras. A velha da história foi lograda por sua avareza. A generosidade sem limites me fez experimentar uma receita de sopa urbana, tecnológica, bastante salgada e indigesta.

Retorno à tela e fecho as janelas que ele deixou abertas. O mouse ainda quente e suado daquelas mãos astuciosas. Renuncio ao sofá e à televisão. Recomeço a escrever a crônica que evadiu do meu imaginário. Troco o leite pelo café bem forte. A noite será longa e laboriosa. Ainda bem, que Girassol voltou ao cesto e dorme tranquilamente.

15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

## CATEGORIA CRÔNICA

2º lugar - Peterson Roberto da Silva  
São José (SC)

### OS FANTASMAS

O recurso menos usado nos videogames da minha infância é o mais presente na minha vida como adulto: a opção “fantasma” dos jogos de corrida, que fazia uma cópia transparente e imaterial do seu carro, refazendo sua volta mais rápida, correr ao mesmo tempo em que você. O melhor de você mesmo contra você mesmo: a superação de si, agora empírica e à prova de autoengano.

Escrevo esta crônica às quatro da manhã, sabendo muito bem que deveria acordar às 10 e que, com sorte, acordarei às 11. Antes disso eu estava no Youtube. Antes disso, lavando louça acumulada de dois dias, demorando três horas a mais do que o esperado organizando objetos, mandando e-mails, anotando coisas que eu não deveria esquecer amanhã. O melhor de mim – meu “fantasma” – seria mais organizado. Mais eficiente. E não só daria conta de tudo que me propus, a essa altura da minha vida, a fazer, como também faria mais. Seria engajado na comunidade. Nos movimentos sociais. Seria mais, não sei; saudável. Cuidaria melhor de seu (do meu) cabelo.

O meu fantasma me assombra. É o que fantasmas fazem, é claro, mas ele não me ameaça de verdade. Sei que não pode me atingir. Não vai quebrar meu braço. Vivo bem, e com sorrisos; com a cabeça faço gestos de bom dia para estranhos no caminho. Ainda assim, sinto sua sombra; penum-

bra pairando no ponto pacífico em que a poeira do meu espírito não rodopia mais com o vento, tomando forma num lento reprovar decepcionado, pondo sobre meus ombros o peso de saber que sou feito de mil pequenos fracassos cotidianos.

E não dá para enxergar os fantasmas como pseudociência ou alucinações, porque eles estão no mundo real, material, social. Meu fantasma não é visível como o do videogame, mas se deixa medir em cada pequena coisa: no tempo que leva para perceber, depois que cheguei, que eu deveria ter feito algo no caminho. No cálculo mal feito do tempo necessário para as tarefas do dia, o que me faz pensar que seria melhor fazer isso amanhã, e aquilo semana que vem, e aquilo só mês que vem. Posso-me ver derrotado pelo melhor de mim na figura do empanado de frango e requeijão que 1) eu não deveria ter comprado, porque estou tentando guardar dinheiro e perder peso; 2) definitivamente não vale 4,50; e 3) eu nem estava com fome bastante para comer, quanto mais comê-lo.

Ouvi dizer que é culpa do sono; dormir pouco nos deixa tolos. Mas é um ciclo: raramente me pego pensando que fiz tudo que eu queria fazer. Sinto-me mal e, para escapar ao fantasma, fujo para uma terra de fantasias, preocupações e planos; coisas que nunca vão acontecer. Durmo mal, vivo mal o dia seguinte, mal frustrado-me direito e volto a dormir mal.

Os fantasmas estão no mundo, não em cavernas subjetivas; hoje eles vêm da própria tecnologia que nos permite descobrir se pioramos ou melhoramos com o passar do tempo (se tivermos estômago, isto é, para olhar para quem éramos meses ou anos atrás). A evolução do videogame, quando tínhamos que lidar somente com o nosso fantasma individual – não; no facebook também encaramos, em cada janela, os fantasmas dos outros.

Afinal, só se compartilha o melhor de si. E tudo que se vê nos perfis dos outros é o que eles têm de melhor. Nossa existência mundana, o aqui e o agora da roupa mal passada, dos prazos estourados, da fila de banco por conta de boletos atrasados... Isso nunca vai preencher as máscaras de plástico que se moldam ou se compram na internet. E o curioso é que ninguém, no fundo, sabe de nada: os fantasmas dos outros, com quem interagimos, são mesmo só ilusões. Mas quando os encaramos, essas versões de seres humanos que leram os livros, viram os filmes, ouviram as músicas e têm opiniões sobre tudo, não é isso que passa pela cabeça: é claro que fizeram tudo isso. E eu podia ter feito também.

O inferno não são os outros, porque o fogo do capeta está nos nossos próprios olhos; foi o nosso olhar que morreu sem se arrepender. Cada espiada na vida alheia é de uma ingenuidade

doente, algorítmica – o receptor que respeita o emissor, hoje, é um coitado. Os fantasmas das telas provam que o individualismo não existe. Buscamos, nos outros, sinais, dicas, pistas do que fazer para nos orientar na vida. Viver é isso – acreditar que alguém em algum lugar tem um mapa para sair do pântano, ou que todo mundo tem um mapa melhor que o seu. Hoje o GPS nos diz que o melhor é pedir informação para os fantasmas. O resultado? Percebemos que eles podem voar e nós não. E então olhamos uns para os outros – para os fantasmas dos outros – torcendo que eles não percebam como não conseguimos estar à altura de ninguém.

Nunca seremos nossos fantasmas. Nem no além-vida, nem aqui, onde os deuses que nos julgam são quase anônimos – seu poder é ilusório, somos fantasmas como nós. Rogamos, mesmo assim: curtam, curtam; ajudem-me a fortalecer o meu fantasma, a erguê-lo aos céus (talvez eu já nem possa vê-lo – mas o que torno, então?). Nossos fantasmas só nos fazem mal. À razão engana, querendo fazer crer que são como a democracia: tanto faz se não conseguimos ser como eles agora, pois eles são um belo ideal, um horizonte naturalmente inatingível. Besteira: não sei em que sentido estou crescendo ou melhorando a cada dia que meu fantasma me derrota. A melhor versão de mim mesmo, eu acho, não cometeria esse erro.

15º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

## CATEGORIA CRÔNICA

3º Lugar - Emir Rossoni  
Porto Alegre (RS)

### NOVENAS

Eu procurava a felicidade nas noites de verão, principalmente nas noites que antecediam o Natal. Mas não era por causa de Papai Noel. Eu procurava a felicidade na forma de vaga-lumes.

As Novenas eram a melhor oportunidade de se estar ao ar livre numa noite de verão, podendo encontrar a qualquer momento um pontinho luminoso vagando por entre as árvores.

Éramos dezenove naquela noite, divididos em oito adultos, seis crianças, um cachorro, um saco de pipocas, uma lata de amendoim, uma bacia com pinhão e uma fôrma de bolo.

As crianças iam à frente. A gente gostava de ficar na frente, não para chegar primeiro, mas sim para ver os bichinhos antes de todo mundo. Todos pela estrada de chão batido, como fosse procissão, até a casa da família anfitriã.

Depois de algum tempo, fiquei sabendo que as Novenas iam acabar, as pessoas estavam preferindo rezar em casa sozinhas, antes da novela. Aquilo foi uma espécie de atestado de que a infância também estava acabando. Ou de que não haveria mais felicidade para se buscar nas noites de verão. Sem Novena, não haveria motivo para sair de casa, para encontrar as pessoas, para andar pela estrada de chão batido como fosse uma procissão.

Passados mais de trinta anos, eu ainda penso nos vaga-lumes na época de Natal. Mas, na cidade, não tem mais Novena. Ao invés de correr atrás dos pontinhos luminosos que vagam pela noite, eu passava o tempo correndo atrás de dinheiro para pagar contas, de dinheiro para tirar férias, de dinheiro para comprar carro e de dinheiro para comer em bons restaurantes.

Éramos cinco nesta noite de dezembro em Porto Alegre. Estávamos andando por uma rua da Cidade Baixa a fim de jantar num lugar novo do qual se falava muito bem. Havia uma reserva em nosso nome.

No caminho, ao sentir a brisa típica do começo das noites de dezembro e ao observar, quase sem querer, o céu cheio, muito

cheio de estrelas, fato raro em Porto Alegre, lembrei-me de Dona Neta, na última Novena em que estive. A Dona Neta, que naquele ano de 1982 participou apenas daquele encontro, justamente por ser em sua casa, chamou-me certa hora. “Pra pegar vaga-lume”, ela disse, “não adianta ficar correndo atrás deles”.

Eu havia gostado de como a conversa começara, pois começara com vaga-lumes. Mas correr atrás deles era justamente o que me motivava. Era a própria busca da felicidade, eu queria dizer, em palavras de menino. Talvez gostasse de tentar pegar vaga-lumes porque era a chance de correr no fresquinho da noite pelo gramado e em meio às árvores. Mas aí ela continuou “pra pegar vaga-lume, tem que ficar sentado esperando que eles pousem no teu colo”. Era uma questão de harmonia, de estar pronto para o próximo passo, dizia ela. “A felicidade”, complementou “é uma questão de equilíbrio”.

Em meio ao vaivém de pessoas, entre os postes e sobre os paralelepípedos, eu percebi que continuava buscando a felicidade, mas era um jeito cada vez mais aleatório. E, desta vez, não era no Papai Noel e muito menos nos pontinhos luminosos vagando pelos ares. Quando chegamos à porta do restaurante, momento em que todos se apressam para entrar senti, por algum motivo, vontade de parar. Em tantos anos de cidade grande, eu não havia visto nenhum vaga-lume zanzando pela noite. Se ainda existiam, deviam existir em algum lugar bem longe dali. A vontade de parar, de não entrar no estabelecimento, trouxe uma lembrança forte das Novenas, motivada talvez pela brisa que refrescava o começo da noite, pelo céu cheio, muito cheio de estrelas.

Nessa noite, eu percebi que talvez devesse parar de buscar a felicidade. Não entrei no restaurante. Nessa noite, decidi seguir o conselho que recebera há tanto tempo. Havia um sossego, uma melodia, um conforto que me fazia ficar ali, do lado de fora. Então, sentei-me no meio-fio e olhei pra cima, esperando, pacientemente, que eles pousassem no meu colo.

15° PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL  
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS  
(Abrangência nacional)

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Teresa Cristina do Nascimento Bendini  
Tremembé (SP)

**AOS POUÇOS**

O elixir da longa vida está nas pérolas...  
aos poucos.  
Aos poucos brilham pérolas em porcos,  
até que elas, as pérolas,  
os façam ser, bem poucos.

Aos poucos brilham suas pérolas,  
os porcos.

Os porcos são pérolas... aos poucos.

Prá poucos, bem poucos,  
poemas são pérolas lançadas,  
...aos poucos.

2º lugar - Ana Luiza de Figueiredo Souza  
Niterói (RJ)

**TIMIDEZ**

Palavra que não sai  
Palavra que não sai  
Sentença que prende  
na garganta  
Se tusso ou pigarro  
não adianta  
A frase se escapole  
Vai parar na goela.  
Palavra que não sai  
Palavra que não sai  
Tento gestos e trejeitos  
Cruzo as pernas  
de todos os jeitos  
Para amparar a queda  
das letras que  
Separadas da sentença  
Vão descendo goela abaixo  
Até se espatifarem  
Bem no fundo de mim.  
Palavra que não sai  
Palavra que não sai  
Sentença mutilada  
e digerida  
Ganha força na subida  
Que a leva ao coração  
Toma pulso, toma vida  
E começa uma corrida  
Que esbarra na razão.  
Palavra que não sai  
Palavra que não sai  
Cria corpo e argumento  
A tal frase que,  
lamento,

Ainda precisa de ensaio.  
Se dita assim  
Se dita assado  
Muito branda,  
demais agressiva  
Abro a boca e a saliva  
Banha a frase devagar.  
Sente gosto, sente apetite  
E a frase então insiste  
Agora vai  
Palavra que não sai  
Agora vai  
Palavra que não sai  
Trava entre os dentes  
Tropeça na língua  
Gruda nas bochechas  
Se agarra nos lábios.  
Palavra que não vai  
Palavra que agora sai  
Palavra que foi  
Foi,  
foi mesmo,  
foi dita  
A frase inteira,  
tão bonita  
Mas chegou  
um bocado atrasada.  
Custou tanto a se aprontar  
Que quando resolveu  
aparecer  
A conversa  
já estava terminada.

3º lugar - Ana Cristina Mendes Gomes  
São Pedro da Aldeia (RJ)

**PRELÚDIO**

A paz pede licença  
para habitar  
o espaço comum,  
o instante eterno,  
o altar interno  
de cada um...  
E a paz quer mais:  
sossegar tempestades,  
extinguir as maldades,  
semear sossego  
na terra,  
abolir o medo  
da guerra,  
estampar os jornais  
de esperança...  
E, desde criança,  
crescer mais e mais  
até que a borda do mundo  
transborde carinho,  
acordes fraternos,  
cristais de ametistas,  
ameixas maduras,  
mesas fartas,  
livros livres  
e poesia... Todo dia!

**16º CONCURSO PAULO SETÚBAL  
LITERATURA E ARTES VISUAIS  
(Abrangência municipal)**

1º Lugar - Lívia Fernandes Silveira  
8º ano - ensino fundamental II  
Nebam - Núcleo de Educação Básica Municipal  
"Ayrton Senna da Silva"  
Professor(a): Cristiane Villanueva Rodrigues

## TATUÍ NO SANGUE, NA RAÇA, E AGORA...NAS MEMÓRIAS

Belas memórias de Tatuí, uma Cidade de Ternura, memórias inesquecíveis, que ficarão sempre impressas no meu coração.

Ainda hoje me lembro de Tatuí, essa cidade onde as pessoas são chamadas de "pé vermelho", e as roupas não combinam, elas ornaram, nessa cidadezinha do interior de São Paulo, que por onde você passa as pessoas te cumprimentam, e as árvores sorriem pra você, proporcionando um ar mais acolhedor.

Não nasci em Tatuí, mas vim pra cá ainda nova, aqui passei minha infância inteira. Brincando no parquinho de minha grande escola, em cima daquela amoreira que me abraçava com seus galhos e me tirava do mundo. Mas para a minha infelicidade, tive que mudar logo na segunda série para uma escola pública, não demorei muito para me acostumar. Mas ainda sentia falta da minha antiga e feliz escola. Conforme o tempo foi passando, eu fui me apegando mais à nova escola. Todos os dias, após a aula, eu e minhas amigas íamos para o parquinho, ahh... aquele parquinho... eu adorava brincar no escorregador, parecia que eu subia em uma escada até o céu, e descia escorregando pelas nuvens, era incrível.

Depois disso, eu tive que mudar para outra escola, bem pior em minha opinião, os inspetores pareciam raivosos e as professoras bruxas, não fiquei nem dois anos neste lugar que chamavam de escola e me mudei de novo.

Mudei para uma escola bem melhor, fiz amizades rápidas, e me acostumei com facilidade. Quase toda semana, antes de entrar na escola, nós íamos à

praça que tinha ali perto, era incrível, parecia que os brinquedos sorriam para mim, pedindo para serem explorados! Uma lembrança de que nunca vou me esquecer...

Sempre gostei de andar pela cidade, com aquelas ruas nem tão largas, e nem tão estreitas e asfalto, sempre brilhando. Admirava a Praça da Matriz, com aquele concreto que só de olhar já parecia cantar, era encantador andar pela praça com aqueles bancos me observando, e as árvores se comunicando através da brisa, fazendo-me relaxar.

Também sempre gostei da Praça do Museu, amarelo como ouro, e suas estátuas encarando cada passo meu, um silêncio radiante, eu sempre ia lá com a minha irmã e minha prima, conversávamos por horas, era incrível como aquele pedaço de céu nos confortava, com aquele ar rico e puro entrando em nossa mente e dominando nosso corpo.

Ah. E no Natal? Aquilo era encantador, a cidade toda decorada de vermelho, os arredores todos com balas e pirulitos gigantes, aqueles biscoitos imensos risonhos e felizes. E o mais lindo... A Praça da Santa, com aquela árvore gigantesca, com vida, emoção, já toda preparada com o espírito natalino, com aquelas luzes em volta piscando de felicidades, aquelas flores vermelhas alegres, e o melhor... Aquela brilhando mais do que nunca.

Tudo aquilo era insubstituível, diferente nenhum compraria aquela espiritualidade natalina que transborda ao redor das pessoas, uma das minhas lembranças favoritas.

Memórias simples, histórias únicas e saudade eterna...

## LITERATURA - ENSINO FUNDAMENTAL II

2º lugar - Júlia Ribeiro Fagundes  
8º ano - ensino fundamental II  
Colégio Mack de Tatuí  
Professor(a): Roseli Verzinhasse Prata

## SIMPLICIDADE

... "Fomos de uma vida muito boa para uma vida bem mais humilde". Esta frase dita por Paulo Setúbal resume sua infância.

Depois que o pai dele faleceu, as coisas que eram fáceis, começaram a tomar um rumo difícil, coisas como colocar o sustento na mesa, já não eram mais a função da mãe e do pai. As coisas mudaram e agora a mãe tinha essa função sozinha. E não era dar o sustento para um, eram mais, bem mais. Eram nove, nove bocas, de nove crianças famintas. Por esse e por muitos outros motivos, para Paulo as coisas começaram a ser bem mais difíceis.

Por mais que as coisas difíceis estivessem acontecendo, para Paulo a maior de suas preocupações era suas duas vacas, Morena e Manteiga. A volta do pasto até sua casa era um sacrifício, ele tinha medo durante o percurso, porque as vacas se escondiam dentro do mato, e isso lhe causava grande temor.

A simplicidade e até mesmo o otimismo são demonstrados através do medo dele, dando a ideia de "Tá ruim, mas podia estar pior e esse não é o fim do mundo". Não é nada convencional termos hoje em dia, uma ou duas vacas de estimação, talvez isso seja impossível, mas não para ele, que viveu em uma época muito mais sossegada.

O sossego e a liberdade que Paulo tinha, não é a liberdade

que hoje fora tirada de nós, junto com a segurança, pois a segurança muda tudo. No passado, era mais seguro.

Pensando por outro lado, ele não tinha a tecnologia que temos hoje à nossa disposição, como a internet. A tecnologia de hoje em dia, ajudaria-o como nos ajuda hoje, em trabalhos escolares, na ampliação de horizontes, porém essa tal liberdade que nos solta, é a mesma que muitas vezes nos faz escravos dela.

Paulo Setúbal, sempre cita Tatuí como cidade calma, sem grandes morros, serena. Assim como sua mãe, uma pessoa calma e dedicada. Essa combinação de uma cidade calma e uma mãe otimista lhe dava grande segurança.

A peça fundamental da infância de Paulo Setúbal, e de todos nós, sem dúvida, é a mãe, a família. Estabelecendo regras, limites, horários e nos ajudando nas coisas mais simples. Hoje com a correria, muitos de nós, não temos tempo de olharmos para nossa família e capturarmos a essência delas, a essência do otimismo, que Paulo reconhecia nos olhos de sua mãe.

Certamente com esse mundo corrido, nós ficaríamos reclamando, por termos perdido a essência da serena e otimista Tatuí. Tão serena e otimista como o amor da mãe de Paulo Setúbal, nosso poeta, que vive na memória do povo tatuiano, através de suas obras.

**16º CONCURSO PAULO SETÚBAL**  
**LITERATURA E ARTES VISUAIS**  
 (Abrangência municipal)

## LITERATURA - ENSINO FUNDAMENTAL II

3º lugar - Vitória de Jesus Nunes Coelho  
 8º ano - ensino fundamental II  
 EE “Profª Altina Maynardes Araújo”  
 Professor(a): Luiz Augusto Alves Barbosa

### LEMBRANÇAS DE MINHA INFÂNCIA

Saudades da minha doce infância, saudades das brincadeiras, saudades das amizades. Saudades daquela época quando tudo era fácil, onde até os problemas que pareciam ser difíceis e insuperáveis, hoje vejo o quanto eram simples. Saudades de sair para brincar com meu irmão e meus amigos no campinho que havia ao lado da minha casa, era tão divertido entrar nas construções brincar de esconde-esconde, apostar corrida de bicicleta, entre outras brincadeiras que com tão pouco, significava muito. Saudades de quando eu dormia no sofá e acordava na minha cama pensando que tinha sido uma fada que me carregou até lá, tenho saudades até de quando eu não conseguia dormir e minha mãe se deitava comigo até eu cair no sono, foram momentos inesquecíveis.

Saudades dos passeios da escola para o Museu Paulo Setúbal, lugar tão maravilhoso com relíquias tão belas, nunca me cansava de ir lá, sem falar na paradinha que dávamos na Praça da Matriz para tomar um sorvete, comer batata frita e brincar com os amigos antes de voltarmos para a escola. Melhor ainda era quando o passeio com os amigos antes de voltarmos para a escola. Melhor ainda era quando o passeio era para o sítio Santa Rosa, eu adorava entrar na

velha caverna que lá havia, apesar do medo que me dava daqueles “cacos” que ficavam no teto caírem sobre minha cabeça, era tão divertido ver a cultura dos Índios, andar pela trilha, andar de trator, enfim eram tantas coisas divertidas que eu realmente não consigo esquecer-me daquele lugar, porém minha parte favorita era a tirolesa, sentir aquela adrenalina me fazia tão bem que se eu pudesse voltaria para lá todos os dias.

Se existe uma coisa da minha infância na qual eu sinto muito, mas muita saudade era do Natal. Todos os finais de ano eu costumava ir com a minha família ver o lindo e enorme Pinheiro na Praça da Santa, e não era só o Pinheiro que era lindo, toda a Praça era linda, as ruas no entorno eram enfeitadas com estrelas sempre iluminadas que ficavam penduradas nos postes, ah! Como eu gostava! Eu achava aquilo tão lindo que me dava vontade de ir ao centro da cidade todos os dias, pois a decoração de Natal dava vida à cidade.

Sinto saudades de tantas coisas de Tatuí, porém existe um dia em especial no qual me marcou muito, mas não deixou saudades, um momento que não gosto de lembrar-me pelo fato de ser o dia em que perdi minha mãe para sempre. Aquele foi o dia no qual Deus a levou pela mão e minha vida desmoronou por

inteira, o dia que me fez pensar que tudo o que vivi até ali foi em vão. Sentia-me como uma criança perdida por completo. Por meses fiquei nessa situação, mas felizmente aos poucos fui me recompondo e graças à ajuda dos meus amigos os quais não esqueço jamais pude colocar minha vida no lugar, afinal a vida continua e então voltei a ser uma criança feliz, que aprendeu que a vida deve ser aproveitada enquanto podemos, que a infância não é para sempre e que devemos desfrutar de todas as coisas boas que a vida nos proporciona, deixar para trás as mágoas, as brigas e quem sabe retomar as amizades perdidas.

Ao longo do tempo brinquedos perdem o encanto, certas brincadeiras já não têm a mesma graça de antes, e nossas mentes deixam de ser puras. Então, para quem ler essas simples, porém honestas palavras pense no que a vida pode oferecer, aproveite, abuse e desfrute ao máximo da sua infância enquanto ainda existe sentido em ser criança, pois o que permanece são apenas as nossas lembranças. A lembrança de quem éramos, as lembranças da minha querida cidade, Tatuí, a qual aprendemos a amar e principalmente a forma de como seremos lembrados pelas pessoas que deixamos pelo caminho da vida.



**16º CONCURSO PAULO SETÚBAL  
LITERATURA E ARTES VISUAIS  
(Abrangência municipal)**

**LITERATURA - ENSINO MÉDIO**

1º lugar - Ana Laura Ganesella  
2º ano - ensino médio  
Colégio Mack de Tatuí  
Professor(a): Maísa Oliveira Santos

**A ILUSTRE SIMPLICIDADE**

Paulo Setúbal apresenta em sua obra *Confiteor* o cenário de sua infância em nossa querida Tatuí. Além de citar figuras importantes como Chico Pereira, Setúbal ressalta em nossa cidade, uma perspectiva diferente de sua realidade atual, pois descreve uma cidade rural, simples e pacata.

O autor deixa claro seu amor por Tatuí descrevendo detalhes que mais tarde seriam importantes para a economia da mesma, como o plantio de algodão, o início das escolas e infraestrutura básica, além do desenvolvimento populacional tatuiano, tanto na forma aquisitiva como em costumes.

Podemos observar em seus trabalhos literários, descrições ufanas em relação aos elementos que constituíam o interior paulista, valorizando suas características típicas, cultura e gente. Setúbal, contudo, critica a displicência do povo tatuiano para com a fé católica.

O autor descreve o povo como insensível às práticas religiosas do catolicismo, culpado a extensão do território brasileiro e a falta de padres. E estes que, muitas vezes, não edificavam a fé. Setúbal afirma, também, que as tradições católicas herdadas só foram conservadas por um milagre.

Paulo Setúbal foi um homem muito religioso, tendo sua fé despertada através de um gesto terno de sua mãe – para a Primeira Comunhão do autor ela fez roupas novas e amarrou-lhe uma fita branca no braço. Paulo reconheceu esse cuidado e o valorizou como o início de sua vida cristã, pois logo roga à Virgem Maria para que suas

vacas, Morena e Manteiga, não se embrenhassem no mato novamente, e em troca de tal graça se tornaria padre, porém o milagre não ocorreu e ele continuou a procurar tortuosamente por suas vacas no mato que ficava próximo ao pasto onde se alimentavam.

Mais tarde o autor recorda de sua promessa e ingressa no Seminário, mas não conclui sua formação alegando não possuir vocação. Ao longo de sua vida Paulo Setúbal teve momentos de ascensão e decadência em sua fé, mostrando seu lado humano.

Todavia, ao mesmo tempo em que critica a falta de respeito de seus conterrâneos pelas práticas religiosas que ele considerava essenciais, o autor admira o respeito pela terra, o afincamento e a coragem que os tatuianos transpareciam diante das batalhas diárias, não deixando que as tristezas e dificuldades pelas quais passavam abatessem a alma tatuiana: alegre e cheia de ternura.

Levando em consideração os níveis de instrução do povo, Paulo Setúbal nos apresenta uma concepção diferente de sabedoria: o saber associado ao ser. Assim descrevendo de forma genial a sociedade na qual estava inserido, apresentando a essência do interiorano de forma clara, trazendo suas características caipiras na escrita, sem fugir à formalidade da Língua Portuguesa.

Aos olhos de Paulo Setúbal, Tatuí não é uma cidade perfeita, entretanto, é uma cidade espirituosa e de coração generoso, pois, apesar da origem simples, não deixa de ter uma riqueza

selvagem e alto potencial em gerar pessoas de caridade, como a própria figura que inspirou o autor, seu professor Chico Pereira.

Da mesma forma, aproveitando esse viés de Paulo Setúbal, podemos definir nossa terra como mãe de pessoas intelectuais, carismáticas, solidárias e fortes, que resistem aos infortúnios da vida, como é retratado em nosso lema: “Per ardua svrrexi” (“Erguemo-nos em meio às dificuldades”).

Durante esses 190 anos de história, Tatuí passou por grandes modificações, tanto em estrutura como em riqueza cultural, sempre contornando as dificuldades e progredindo. O povo, antes simples e rude como na lembrança do autor, deu seu lugar a filhos de grandes méritos.

Tatuí tornou-se progenitora de bons cidadãos, talentosos dozeiros, pessoas generosas, músicos excepcionais como Bimbo Azevedo, que elevou a música interiorana a patamares estrangeiros e Maestro Antônio Carlos Neves que contribuiu muito para o aprimoramento do nosso querido Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, e estudiosos, como Dr. José Celso de Mello Filho nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal no ano de 1989 exercendo o cargo até os dias atuais.

Esses exímios tatuianos justificam ainda mais a concepção afetuosa para com Tatuí de nosso ilustre autor Paulo Setúbal, que até hoje é lembrado de forma carinhosa e honrosa por sua amada terra natal e pela sua atual população.

2º lugar - Larissa de Paula Sperandio  
1º ano - ensino médio  
EE “Chico Pereira”  
Professor(a): Bruna dos Santos Bueno

**TERNURA QUE ACOLHEU  
MEU CORAÇÃO**

Quando falo de Tatuí, logo meus olhos transbordam. Eles se enchem com lágrimas de saudade, hoje dou adeus à minha linda cidade. Deixo nela família, amigos, amores, costumes e momentos.

Tatuí... Minha cidade ternura, cidade magnífica onde cresci! Nela brinquei, sonhei, fui criança, aproveitei cada dia vivido na mais linda capital da música.

Hoje a deixo, mas trago comigo as mais belas lembranças, como a escola de seu Chico Pereira, que muito contribuiu para os meus conhecimentos, estes que andarão ao meu lado eternamente: o seu Conservatório, que com seus ritmos alegrem nossas vidas; as mãos talentosas daqueles que preparam os deliciosos doces caseiros.

Minha morada nessa pequena cidade foi marcada por meus dias de criança brincando em sua Praça Matriz, por minhas descobertas em seu Museu Paulo Setúbal, coisas que com toda certeza levarei em minha mala da saudade, importantes lembranças.

Em minha parede da memória ainda estão cravados os quadros que remetem aos momentos mais puros... Uma criança a brincar, o amor de um casal a se abraçar, o companheirismo de dois amigos a conversar, o de uma mãe a ensinar, de um pai a sustentar o seu filho em seus primeiros passos. Momentos que levarei eternamente em grande parte de meu coração.

Tatuí, cidade de almas sinceras, de pessoas gentis, de amores. Cidade pequena onde vidas se encontram em uma esquina qualquer, onde olhares se acham em meio a uma imensa multidão, cidade de onde meu coração nunca partirá.



**16º CONCURSO PAULO SETÚBAL**  
**LITERATURA E ARTES VISUAIS**  
 (Abrangência municipal)

3º Lugar - Rebeka Devai Gau  
 1º ano - ensino médio  
 Etec "Sales Gomes"  
 Professor(a): Fernando de Jesus da Costa

## LITERATURA - ENSINO MÉDIO

### TATUÍ NA OBRA DE PAULO SETÚBAL

Para Paulo Setúbal, Tatuí era mais que Cidade Ternura. Ela trazia aconchego à sua alma e a saudade era expressa nos olhos de nosso autor ao lembrar das paisagens cativantes de nossa amada cidade.

Posso, em cada palavra, sentir o amor do autor pelos campos, pelas plantações e pelos belos morros de Tatuí. Cidade querida, cidade de sua doce infância.

Paulo Setúbal começou a estudar na escola de seu Chico Pereira, e doce foi sua época lá! Escola pública, com colegas simples, filhos de gente comum, gente pobre. Mas isso o fez bem. "A gente aprende desde cedo a conhecer a vida como ela é", diz ele.

Seus amigos? Sem dúvida digo que eramos melhores. Vibraram com suas vitórias e choraram com ele quando tudo parecia perdido. Essa amizade, esse intenso amor, são exemplos para nós.

Seu pai era de Porto Feliz e morreu quando Paulo Setúbal tinha quatro anos. Sua mãe batalhou duramente para sustentar seus nove filhos, mulher batalhadora, mulher de coragem, mulher de fé! Passou do muito para o pouco, mas não perdeu a coragem, não deixou que o medo lhe vencesse.

O mais interessante na obra de Paulo Setúbal foi que ele veio, não para se exaltar, mas para mostrar que o auge da sua vida

foi o encontro com Deus, mesmo o descaso religioso ser muito grande naqueles tempos, onde os pais não se confessavam e os padres não edificavam.

Vemos que sua melhor lembrança foi a de sua Primeira Comunhão, ao vestir aquela roupa nova com um laço branco e ao segurar aquela vela. A chama ardia mais em seu coração do que aquela velinha.

Contudo, sua infância foi agonizante. Não por causa de más notas, sempre foi bom aluno, mas por causa de duas vacas: Morena e Manteiga.

Essas vacas eram o pagamento de dívida que um homem tinha com seu pai, mas, após ele falecer, a dívida foi paga com duas vacas: Morena e Manteiga.

Embora sua casa fosse grande, não havia onde as vacas pastarem. Por isso, iam até o pasto de seu Galdino, que ficava na saída da cidade. Paulo Setúbal as levava de manhã e as trazia à tarde. Levar não tinha problema, mas o fardo, o grande pesadelo, era trazer. Só por milagre! As vacas entravam no mato, e era um terror entrar e tirá-las de lá!

Após sua primeira comunhão, passou a rezar fervorosamente todos os dias para que Nossa Senhora o ajudasse com as duas vacas. Seu único pedido era que elas não entrassem mais naquele mato, e assim levá-

-las com mais facilidade.

Um dia, não aguentando mais, Paulo Setúbal foi buscá-las e entrou na igreja que ficava a caminho. Ajoelhado, olhou para a Virgem e suplicou-lhe que ela atendesse seu pedido. Ele fez uma promessa. Prometeu que, se ela o ajudasse a encontrar as vacas sem custo, quando ele crescesse seria padre.

"Quando me davam um, queria logo retribuir com cem", disse ele, falando de seu horrível defeito. Ele estava disposto a ter o sacrifício imenso de ser padre se apenas Nossa Senhora o ajudasse a encontrar as vacas com facilidade.

Mesmo com promessa, Morena e Manteiga continuavam a se enfiar no mato, grande tristeza!

Findas as suas primeiras letras, os professores e seu Chico Pereira aconselharam sua mãe a enviá-lo a São Paulo para prosseguir os estudos. Mas, naquela época, Paulo Setúbal já tinha um irmão mais velho estudando em São Paulo. Sua família tinha apenas como viver modestamente, e enviar outro filho como? Mesmo assim, sua mãe nunca mediu esforços. Lutadora magnífica! Vendeu o pouco que tinha e, entregando sua vida nas mãos de Deus, enviou seu filho a São Paulo, "que é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil".



16º CONCURSO PAULO SETÚBAL  
LITERATURA E ARTES VISUAIS  
(Abrangência municipal)

# ARTES VISUAIS

1º lugar - Julie Soares da Silva  
4º ano - ensino fundamental I  
Emef Profª “Teresinha Vieira de Camargo Barros”  
Professor(a): Angélica Prestes Ferreira Camargo



2º lugar - Nicolas Henrique Yamasaki Furquim  
5º ano - ensino fundamental I  
Emef Profª “Maria Eli da Silva Camargo”  
Professor(a): Ione Takenouchi Bieco



3º lugar - Ray Mendes Sousa  
5º ano - ensino fundamental I  
Emef Profª “Maria Eli da Silva Camargo”  
Professor(a): Ione Takenouchi Bieco



# ESCOLA TÉCNICA "DR. GUALTER NUNES"



Instituída pela Lei Municipal nº 911 de 10 de junho de 1970, a Escola Técnica “Dr. Gualter Nunes” foi criada com o incentivo do Rotary Club de Tatuí, visando a Formação Profissional e a utilização da mão de obra para a Santa Casa de nossa cidade.

Por seus Bancos Escolares, na área da Enfermagem, já passaram mais de três mil alunos, que atuam em Hospitais, Clínicas, Unidades de Saúde, Serviços Públicos e Concessionárias de Rodovias.

Atualmente além da Enfermagem e suas Especializações, mantém cursos nas áreas de Saúde Bucal, Farmácia e Segurança do Trabalho.

Em parceria com a Municipalidade, vem realizando e ofertando neste ano de 2017 cursos rápidos de capacitação profissional tais como: Empreendedorismo e Marketing Digital, Cuidadores, Inclusão Digital, Vendas e Atendimento ao Cliente e Auxiliar Administrativo, atendendo até o momento a mais de 250 pessoas.

A Fundação Educacional “Manoel Guedes”, em parceria com a Prefeitura Municipal, administra e faz a Gestão do Centro de Formação Profissional “José Ferreira Coelho”, que mantém cursos de Aprendizagem Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, conforme Cooperação Técnica com a Escola SENAI de Sorocaba.

## CURSOS TÉCNICOS NAS ÁREAS DE:

**ENFERMAGEM**

**FARMÁCIA**

**SAÚDE BUCAL**

**SEGURANÇA DO TRABALHO**

**INFORMÁTICA (EM BREVE)**

### MAIS INFORMAÇÕES:

Rua Rui Barbosa, 601 – Bairro Valinho – Tatuí/SP – Tel: (15) 3251-4700 – 3251-4899

[www.femague.org.br](http://www.femague.org.br)

[fundacao@femague.org.br](mailto:fundacao@femague.org.br)